

Sono de Morte: os tabus por trás da proscrição dos contos de fadas

Death Sleep: the taboos behind fairy tales banning

Michelle Garrido *

Universidade do Estado da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Luciana Sacramento Moreno Gonçalves**

Universidade do Estado da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: O presente artigo resulta da busca pela compreensão acerca do esquecimento de tantos contos de fadas, em contraste com a abundância de versões e atualizações de outros, a partir da leitura da compilação dos irmãos Grimm, da editora Cosac Naify do ano de 2012. O objetivo deste trabalho foi encontrar os motivos pelos quais muitos contos foram proscritos do universo infantil. Chamou-se de contos proscritos e foram escolhidos para o trabalho aqueles que não ganharam novas roupagens e/ou não se fizeram conhecidos ao passar dos séculos, sendo, portanto, recolhidos e esquecidos. Fundamentado nas teorias de Bettelheim, Freud, Propp, entre outros, encontrou-se o mal-estar social que permeia esses contos, sendo estes, então, categorizados como: Contos Proscritos: perigos sociais. Este artigo acaba por revelar as mazelas sociais também escondidas e almeja dar voz a todo aquele que fora silenciado juntamente com os contos de fadas.

Palavras-chave: Contos de fadas; Proscrição; Perigos sociais.

Abstract: This article results from the search for understanding about the forgetfulness of so many fairy tales, in contrast to the abundance of versions and updates of others, by reading the compilation of the brothers Grimm, from the publisher Cosac Naify of 2012. The purpose of this work was to find the reasons why many tales were outlawed from the children's universe. It was called outcast tales and were chosen for the work those who did not gain new versions and/or did not made themselves known over the centuries and were therefore collected and forgotten. Based on the theories of Bettelheim, Freud, Propp, among others, it was found the social malaise that permeates these tales, which are then categorized as: Outcast Tales: social dangers. This article reveals the hidden social ills and aims to give voice to anyone who was silenced along with fairy tales.

Keywords: Fairy tales; Proscription; Social dangers.

1 INTRODUÇÃO

Conhecer e estudar os contos proscritos é um convite a se compreender as questões humanas que são veementemente execradas, banidas, silenciadas, por evidenciarem as mazelas que a sociedade procura manter escondidas ao longo dos séculos. Estudar os contos proscritos é, sobretudo, estudar o ser humano, suas dores, suas

*Mestre em em Estudos de Linguagem pela UNEB. E-mail: michelle-garrido06@hotmail.com

** Doutora em Letras, professora adjunta do Departamento de Educação, Campus XIII, UNEB. E-MAIL: lusamog@gmail.com

demandas e o puritanismo social que mascara e proíbe tanto os seus sentimentos quanto a própria humanidade.

A palavra *Proscrição* vem do Latim: *Proscriptio*. Em um contexto histórico, “designa a condenação oficial dos que são tidos como inimigos do Estado (...), uma sentença de condenação à morte ou banimento por motivações de ordem pública” (PROSCRIÇÃO, 2018). Aquele que é considerado proscrito, carrega consigo uma condição de deformidade, de imperfeição e indignidade, desse mesmo modo, os contos que foram proscritos, são distanciados e silenciados por representarem um perigo à sociedade.

O adjetivo *proscrito*, por sua vez, diz respeito a aquilo que se proscreeu, degredado, desterrado, que foi proibido; suprimido, eliminado, extinto, banido ou exilado; interdito, censurado (PROSCRITO, 2018).

Utilizando-se da compilação dos irmãos Grimm, da editora Cosac Naify (2012) pôde-se investigar e analisar uma grande quantidade de contos que foram excluídos, e que, em comparação com os clássicos, proporcionalmente, não se evidenciam no cenário literário, e por isso, são chamados de proscritos. Para a construção e desenvolvimento deste artigo importa investigar os contos que não são encontrados nos acervos infantis da atualidade, tampouco foram explorados pela indústria cultural.

Dentre os cento e cinquenta e seis contos compilados pelos Irmãos Grimm, uma quantidade expressiva não se tornou popular e não adquiriu novas versões para o público infantil, tornando-se obsoletos e caindo no esquecimento. Mas o que permitiu essa separação entre os contos? Existia algo que impedia essas histórias de serem contadas, algo que assombrava, não as crianças, mas o puritanismo social. Os contos que se tornaram clássicos representam uma ínfima minoria, e são contados e recontados ao longo dos séculos, como se únicos fossem na literatura, no entanto, é questionável e desconfortável constatar a vastidão de contos perdidos e abandonados.

Marcos Sidnei Pagotto-Euzébio (2014 p.67, 68) traz à luz o significado da palavra latina *Classis*, que remete à frota, ordem, mas garante que conhecer a palavra e o seu significado não conceitua verdadeiramente o que se denomina clássico. Ainda segundo esse autor, os autores gregos, para se referir aos escritores considerados exemplares, utilizavam um termo que em português significa “os selecionados” ou “os aceitos”.

O homem da primeira classe, rico e cheio de recursos, com o tempo passou a ser chamado apenas de *classicus*. (...) O sentido de primeira classe permanece, ainda, pois podemos dizer que um clássico é um livro de primeira classe, ou de primeira ordem, um livro que tem muito o que oferecer, entendendo que tal livro se destaca dos demais, colocando-se acima dos outros por algum motivo ainda desconhecido ou nebuloso. O livro clássico possui algo da ideia platônica: ele é o livro que todos os outros livros gostariam de ser; e é a prova do fracasso dos outros livros em sê-lo. E por isso mesmo precisa estar cercado das outras obras para demonstrar, à força do contraste, sua superioridade. (PAGOTTO-EUZÉBIO, 2014, p.67, 68).

Pagotto-Euzébio (2014) continua a sua explanação insinuando que qualquer obra que não seja a clássica é inútil. E conta a história de uma pergunta feita pelo General que

conquistara a Alexandria do Egito sobre o que fazer com a biblioteca, a *Califa Omar*, que prontamente, responde: “Se os livros da biblioteca estiverem de acordo com o Alcorão, eles são desnecessários; se os livros se opõem ao Alcorão, devem ser destruídos”. (Pagotto-Euzébio, 2014, p.68).

Esse pensamento exclui completamente a importância de outras tantas obras literárias, e enclausura o leitor dentro de um mundo único e fechado, onde nada mais se cria ou ressignifica e condena todas as obras contrárias à normativa, ao completo abandono e esquecimento.

Segundo Borges (1999) é o amor continuado dos leitores pelas obras, a permanência dela entre as gerações e a dedicação à sua leitura que a torna um clássico. E Calvino (1993, p.11), que parece completar Borges, diz poeticamente: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Desse modo, ele nunca se torna arcaico, ultrapassado; as suas palavras, seus valores e ideias seguem alcançando novos leitores e, o mais incrível, continua a atingir o mesmo leitor a cada leitura.

Muitas obras se fazem ouvir por muitos leitores, e muitas vezes até gritam e roubam toda a atenção de um público. No entanto, outras parecem que se calam e desaparecem, muitas vezes deixando apenas rastros da sua existência, mas não frutos, são essas que se apresentam como objeto desse estudo, e que são chamadas de proscritas.

Darnton (2011, p. 26) explica sobre o trabalho dos censores e a sua importância na França do séc. XVIII; ao fazê-lo, traz uma contundente reflexão sobre o modo como a literatura era avaliada e como o poder de decisão sobre o que é bom, apropriado, correto e digno estava nas mãos de alguns. A arbitrariedade sobre as obras e a sua legitimidade pertenciam a poucos que representavam os interesses do rei.

Diante do silêncio de tantos contos ressurgem o questionamento sobre o isolamento destes. Sendo estes proscritos, não se fixam e não são mais divulgados, ainda que tenham deixado vestígios e insinuações que revelam a sua existência. Este estudo aponta que a definição do clássico e proscrito de tantos contos estão ligadas à arbitrariedade que seleciona o que pode ser bom ou não para o social, sempre na visão de quem tem o poder de fala.

A este estudo, interessa menos entender porque os clássicos tornaram-se clássicos do que aproximar-se de um caminho que esclareça acerca do juízo de valor que recai sobre os “não clássicos” e aponta para as possíveis razões para o esquecimento de tantas histórias, as quais, nesse artigo serão chamadas de *Proscritas*.

Pensar os clássicos como astros de luz própria, que brilham e iluminam em sua essência, é fechar os olhos para as mãos que selecionam e manipulam, por razões diversas, a ascensão das obras. Portanto, Garrido (2019) afirma:

Há conceitos enraizados e amalgamados na cultura que enaltecem ou aviltam uma obra, com um objetivo maior, conduzindo-as a uma posição de clássico ou tornando-as esquecidas, ou como ditas aqui, Proscritas. O romantismo de Calvino, em relação aos clássicos, furta-se das referências à óbvia realidade da censura, e ela (a censura), que se encontra na base dessa construção, explicará e justificará todo o silêncio. Em um importante diálogo com o silêncio, a censura se revela como o seu grande algoz. (GARRIDO, 2019)

Dessa forma, contos proscritos serão chamados neste artigo, como aqueles contos que não foram considerados “antigos talismãs”, aqueles que não foram “sancionados pela coroa”, que não são dignos ou privilegiados para tornarem-se cânones ou clássicos. Proscritos, de acordo com Garrido (2019, p;64) são “aqueles que tenham encontrado a morte ou sido relegados ao esquecimento, ou ainda tenham resistido longe dos holofotes e não atinjam o mesmo espaço e público que os clássicos”.

Compreende-se que, com a grande mudança que ocorria na concepção da infância e, claro, a necessidade de proteger esse infante, apresentando-lhe apenas imagens belas e suaves, que agora se equivalem ao novo conceito, segrega-se aqueles contos que conservavam uma natureza rude, desagradável, que continham cenas muito cruéis, ou com cunho sexual, violento, e que, por algum motivo, não passou por transformações. É possível que, quando os contos conservavam no seu cerne, um tema perigoso, que evidenciassem as mazelas sociais, e não era possível encontrar maneiras de se livrar das barbáries nos escritos, eram, então, excluídos da literatura para este público.

Pode-se observar que as diferenças entre o texto original e as suas adaptações, em especial as conhecidas nos dias de hoje, são gritantes. Muitos elementos grotescos se perdem e se modificam para alcançar as mentes das crianças da atualidade.

Dos cento e cinquenta e seis contos compilados pelos Irmãos Grimm apenas doze fazem parte do acervo de contos da literatura infantil nos dias de hoje, tendo estes últimos superado o tempo, as barreiras geográficas e os contextos culturais pelos quais propuseram grandes mudanças, mas que conservaram esses textos vivos e os consagraram como clássicos da literatura infantil.

Ao conceito ou definição do termo proscrito, neste trabalho, acresce o esquecimento e banimentos dos contos, especialmente, do universo infantil, delimitando e restringindo o objeto dessa pesquisa, a aqueles contos que não permaneceram vivos para o público infantil, que não foram aceitos pela indústria cultural, tampouco foram aceitos nas redes de ensino tanto privadas, quanto públicas, sendo preteridos dentre tantos outros contos.

Os perigos que são ditos aqui referem-se aos medos e tabus sociais que acabam por expor as fragilidades, maldades e desesperanças que se conservam no interior do sujeito, e que são guardadas e mantidas fora do alcance das outras pessoas, onde ninguém mais pode acessar. Os perigos são a realidade que se esconde por trás das máscaras e que, caso não sejam vistos, acredita-se poderem ser dissolvidos e extintos; contudo, estes ganham proporções desmesuradas e podem gerar efeitos contrários ao que se esperava.

Como modo de propor uma certificação ou validação desse conceito desenvolvido sobre os perigos sociais, foi necessário observar também a estrutura dos contos que foram deixados para trás, pois quanto maior a similaridade entre os contos (clássicos e proscritos), maior a possibilidade de acerto no que tange ao seu desaparecimento. Propp (2010) tenta, através de muitos estudos descritivos, separar e classificar os contos, ora por seus enredos e temas, ora pelas personagens, pela magia, pelos instrumentos, pelas buscas e pelos motivos. Ele se mostra irredutível sobre o estudo morfológico dos mesmos para se compreender, em especial, as semelhanças dos contos

em todas as partes do mundo.

Muito Propp (2010) já ensinou sobre os contos maravilhosos, e há muito a se compreender sobre suas funções, seus motivos, danos, atributos dos personagens, significação e outros pontos relevantes sobre os contos. No entanto, aqui, nesse artigo, o que é tomado como fator de maior importância é a estrutura e ordem que o conto segue, tendo como referência, nesse momento, os contos considerados clássicos. Por tanto, o conto selecionado para a análise segue o mesmo modelo dos clássicos.

Como explica e exemplifica a autora Coelho (2003, p.113) “se tentarmos reduzir a estrutura básica dos contos aos seus elementos constituintes, chegaremos a seis funções invariantes em todos eles”. Essas funções estão presentes em todos os contos considerados clássicos, e compõem uma estrutura consistente, que garante uma linearidade às histórias.

Segundo Coelho (2003) todo conto é desencadeado por uma *situação de crise*. Ocorre uma situação de desequilíbrio e essa leva o herói a um desafio. O segundo passo ela chama de *desígnio*: é quando o herói aceita o desafio e segue o seu destino. Para tanto, o herói precisa deixar a sua casa e seguir uma *viagem* para um local estranho, novo, não familiar. Nessa viagem, aparecem os *obstáculos* que tentam impedir o herói de suas conquistas. Eis que surge um *mediador* entre o herói e o objeto desejado, auxiliando-o na luta contra os seus obstáculos, ajudando-o a vencer. O mediador é sempre mágico, ou oferece instrumentos mágicos para a luta. Por fim, *a conquista*, que é o momento em que o herói vence o seu desafio e cumpre o seu desígnio, concluindo o ciclo.

Os ciclos das histórias, então, remetem ao ciclo natural da vida de qualquer pessoa. Segundo Propp (2010, p.14), “não há dúvida de que o conto encontra, geralmente, sua fonte na vida” e, assim, verifica-se que os contos de fadas trilham um caminho linear, que se resume em: zona de conforto, crise, desígnio, viagem, obstáculo, mediação e conquista; exatamente a mesma estrutura dos clássicos.

Não se pode precisar os motivos pelos quais mais de cento e quarenta contos foram proscritos. No entanto, em uma comparação com os contos clássicos, surgem muitas ideias que podem e merecem ser estudadas mais a fundo. Neste artigo será apresentado um conto, para que a sua análise possa representar o modo como esses textos pareciam oferecer uma espécie de perigo aos seus leitores e à sociedade. A essa categoria de contos, aqui chama-se de Contos proscritos: um perigo social.

Entende-se por perigo aquilo que oferece risco à integridade física ou psíquica de alguém, uma situação de risco, uma ameaça. Assim, esse conceito se desenvolve refletindo sobre os paradigmas da sociedade, baseada na teoria freudiana, do mal-estar na civilização, bem como nos tabus e interditos que ocultam as úlceras sociais: as maldades, o sofrimento e as angústias, tão comuns à natureza humana.

Os perigos são exatamente aquilo que se procura esconder na tentativa de preservar e proteger algo que é considerado pequeno, frágil e indefeso. Mas é também aquilo que se sabe existir, que se sente forte e presente dentro de si, e que se busca negar a qualquer custo. Essa negação acaba por surtir um efeito contrário, em que ao cobrir um lado, descerra o outro, desvelando uma infinidade de amarguras devido ao enclausuramento.

Acredita-se que, por uma dificuldade de lidar e conviver com questões tão delicadas e intrínsecas que confrontam o ser humano em sua fragilidade e vergonha, torna-se mais fácil e conveniente tornar obsoleto e distante qualquer tema que lhe faça lembrar a sua humanidade.

No entanto, apesar de todas as semelhanças que se verificam nos contos aceitos e aclamados pelo público, essas histórias carregam um fardo muito grande. Elas trazem em sua constituição, em sua ideiação original, atos de intensa violência, de tamanha maldade, rudeza ou perversão, o que confere grande constrangimento para a sociedade.

Esse trabalho se dedica a conhecer e analisar um dos contos proscritos que representa uma espécie de perigo social, analisando-o e descrevendo-o sob uma ótica social e psicanalítica. O conto selecionado se encontra na compilação dos irmãos Grimm da editora Cosac Naify (2012) no segundo volume. *“O pé de Zimbro”*.

“O Pé de Zimbro”, era uma árvore que ficava no jardim em frente à casa de um casal jovem, rico e belo, que se amava muito e desejava imensamente ter um filho. Em meio a muitos desejos e rezas embaixo do pé de zimbro, a mulher tivera um pressentimento que teria o seu amado filho. Os meses se passavam e a árvore crescia, se fortalecia, cresciam seus galhos, brotavam flores, e vieram os frutos que cresciam e amadureciam junto com a sua gravidez. “No sétimo mês, ela colheu as frutas do pé de zimbro e as comeu com muita vontade, e então ficou triste e doente. O oitavo mês se passou, ela chamou o marido e disse, chorando: se eu morrer, me enterre debaixo do pé de zimbro” (Grimm, 2012, p.167). O nono mês se passou alegremente e o seu bebê nasceu do jeito que ela sonhara. Sua alegria foi tão intensa que a mãe morreu.

O marido, atendendo ao seu pedido, lhe enterrou debaixo do pé de zimbro. Com o tempo, cessando a tristeza, o homem se casou novamente e teve com sua nova esposa, uma filha. A madrasta olhava aquele belo menino, filho da primeira esposa do marido, e sentia ódio. Esse ódio se convertia em maus-tratos para com o enteado, “empurrando-o para cá e para lá, arrastando-o daqui e beliscando ali, de modo que a pobre criança sempre sentia muito medo. Quando ele voltava da escola, não tinha um só minuto de sossego.” A irmãzinha nutria um bonito sentimento por seu irmão e isso provocara a ira da madrasta. Ao pedir para sua mãe uma maçã, a mãe retira a fruta de um baú pesado e entrega à criança. A mesma pede que dê também uma maçã ao seu irmãozinho. Tendo de imediato sentimentos e pensamentos maus, a mãe toma a maçã das mãos da menina, devolve ao baú e, posteriormente, oferece ao menino que acabara de chegar da escola. Sendo possuída pelo mau, indica que o menino pegue a fruta no baú e, quando este coloca a sua cabecinha lá dentro, a madrasta prontamente solta a tampa que era muito pesada “e tinha uma fechadura de ferro muito afiada”, decepando a cabeça da criança.

A mulher então pensou: “se eu pudesse me livrar da culpa!”. Ardilosamente, a mulher cria uma solução para o problema: amarra a cabeça da criança com um lenço e o coloca numa cadeira com a sua maçã na mão, como se nada tivesse acontecido. “Meu irmão está sentado na frente da porta e está muito pálido, segurando uma maçã. Eu pedi a ele pra me dar a maçã e ele não respondeu. Senti um frio na barriga” Grim, 2012, p.167), disse a irmãzinha, que foi aconselhada a voltar lá e, caso não obtivesse uma resposta, desse um tapa no rosto do menino. Fazendo como a mãe ordenara, a menina viu a cabeça do

seu irmão rolando pelo chão e saiu gritando desesperada por achar ter matado o seu irmão. A mãe da menina a acusa, mas promete ajudá-la caso não contasse a ninguém e decide, então, cozinhar a criança morta para que ninguém percebesse. “A mulher cortou o menino em pedacinhos, meteu-o na panela de água fervendo e fez dele um cozido.”

Quando o pai chegou, quis saber do seu filho porque não o tinha visto em casa, e a madrasta avisou que ele tinha ido ver a família da mãe, o que deixara o pai muito triste pela falta da despedida. Sentado à mesa, o pai se delicia com o jantar preparado pela sua esposa enquanto a irmãzinha chorava de saudade do irmão. “Me sirva mais, por favor!” E quanto mais ele comia, mais queria comer. “Não vou deixar sobrar nada, sinto como se tudo me pertencesse.” E foi comendo e comendo e jogando os ossos embaixo da mesa”. A menininha, vendo tudo aquilo, recolhe os ossinhos do seu irmão e, “chorando lágrimas de sangue”, os coloca embaixo do pé de zimbros, sentindo-se reconfortada com isso. Uma magia parecia acontecer e os ossinhos desapareceram dali.

Um pássaro que voava por perto começou a cantar: “minha mãe me matou, meu pai me comeu, minha irmã me recolheu, meus ossinhos embrulhou, embaixo do pé de zimbros guardou, piu, piu, piu, que lindo pássaro eu sou.” Em seus voos, o pássaro fazia trocas. Cantava para ganhar presentes de trabalhadores que passavam. Carregando uma corrente de ouro, um par de sapatinhos vermelhos e uma pedra de moinho voltou para casa, trazendo sentimentos distintos a cada morador dali. O pai sentia alegria e leveza, a menina chorava copiosamente e a madrasta sentia angústia e grande medo. O pássaro, pousando no pé de zimbros, retoma a sua canção ampliando os sentimentos. Ao sair para ver o pássaro, o pai é presenteado com a corrente de ouro; posteriormente, a menina sai para ganhar algo também, e recebe os sapatinhos vermelhos que lhe deixam muito alegre. A madrasta, por sua vez, sentindo-se sufocar, sai de sua casa e é esmagada pela pedra de moinho, que o pássaro jogara em sua cabeça. O pássaro retorna à sua forma de menino e reaparece para o pai e irmã. “Entraram felizes em casa e sentaram-se à mesa para comer”.

Esse conto é carregado de sofrimento e atrocidades. Todo o seu enredo é marcado por dor, inveja, usura, mentira e a trama se desenvolve a partir de um assassinato brutal, onde a madrasta decepa a cabeça da criança e maquina uma terrível cena, em que culpabiliza a própria filha pela morte do seu irmão. Não bastasse tamanha maldade, a criança é esquartejada e cozida, sendo servida pela madrasta num ato perturbador e perverso, como alimento para o seu pai. Uma imagem de antropofagia aparece forte, em que o pai, inocente, se sente feliz e aconchegado nutrindo-se do seu amado filho, sendo então, reenergizado, resignificando essa ingestão.

Por fim, a vingança e morte tornam-se diminutas, quando no fim da história a madrasta é esmagada por uma pedra e a família senta-se à mesa para jantar com uma imensa felicidade, ato que também provoca desconforto.

Muitos perigos se desdobram neste conto. A inveja, o ciúme da madrasta, uma pessoa adulta, de quem se espera atitudes mais conscientes e evoluídas, uma mulher que assume uma função maternal e que tem como uma tarefa sua guardar e educar uma criança, é que com um instinto cruel e aterrorizante mata o seu enteado com um golpe que lhe decepa a cabeça, o que reflete a maior das vilanias humanas e a podridão que circunda a humanidade.

Não raro se ouvem notícias de pais, mães, madrastas ou padrastos que tiram as vidas dos seus filhos ou enteados, nem incomum ver crianças sofrendo maus-tratos provenientes daqueles que deveriam mantê-los em segurança. Infelizmente, o silenciamento desses contos não proscree os sentimentos e as ações tão corruptíveis, mas as suas consequências são conservadas em um local inacessível, onde ganham proporções incontroláveis e causam severos adoecimentos.

Entende-se com isso que os contos precisavam ser proscritos para que se desviasse a atenção de algo tão definitivamente aterrorizante e destrutivo para a sociedade. No entanto, a angústia de quem convive com esse desejo não pode ser proscrita, pois, além de lidar com isso no seu íntimo, a pessoa ainda precisa manter-se calada, na escuridão, proscreevendo juntamente com os contos os seus sentimentos, seus pensamentos e a si mesmo, em sua integralidade, como afirma Bettelheim (2016).

Ao debruçar sobre os pensamentos de Freud (1996), surgem várias possibilidades de diálogo com este trabalho, em que se busca compreender os contos proscritos, a sua rudeza, seus perigos e os motivos de sua proscricão. Freud se coloca a respeito do mal-estar na civilização, sobre os temores e angústias que assolam a humanidade, sobre os desejos do ID, que invocam o mais instintivo e inconsciente do ser, que é a fonte de toda a energia psíquica e que se encontra presente no homem desde o seu nascimento, proporcionando a este um risco iminente de grandes e intermináveis conflitos quando se vive em sociedade.

Esse pensamento é reverberado diretamente nos contos, em que se vê tão explicitamente a realidade mais instintiva do homem. A madrasta, em seu ódio por aquela linda criança que ocuparia espaço em sua vida e disputaria a herança com sua filha, sangue do seu sangue, resolve de imediato este problema, matando o menino e fazendo-o insignificante como pessoa ali, dentro de uma panela fervente, pronto para servir de alimento para sua própria família.

Desse modo, sem barreiras para o sentir, os contos de fadas, apenas, deixavam jorrar livremente os impulsos mais profundos, expressando não o inexistente, o fantasioso, o inventado, mas as possibilidades de sentimentos e pensamentos que podem estar presentes em qualquer indivíduo, indiscriminadamente; por isso mesmo, tornam-se insuportáveis em uma sociedade forjada para o bem, para o justo e correto, que idealiza as crianças como seres puros, ingênuos, e felizes, essencialmente.

A sociedade, as convenções sociais e as regras de uma comunidade surgem para dirimir os impulsos humanos, para possibilitar o convívio entre as pessoas, para que os desejos de um não se imponham sobre o do outro, pois podem facilmente se opor. A civilização é a única maneira possível de vidas coexistirem. Freud (1996) afirma:

É hora de voltarmos para a essência desta civilização, cujo valor para a felicidade é posto em dúvida. (...) A palavra civilização designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquelas dos nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si. (FREUD, 1996a, p. 48 e 49).

Freud (1996a, p.58) confere à “estima e o cultivo das atividades psíquicas mais elevadas, das realizações intelectuais, científicas e artísticas, do papel dominante que é reservado às ideias” a maior caracterização e definição de civilização. Para o autor, o que move e sustenta o homem são as metas de sentir-se útil e obter prazer, e finaliza com uma característica de extrema importância: “o modo como são reguladas as relações dos homens entre si, as relações sociais, que dizem respeito ao indivíduo enquanto vizinho, colaborador, como objeto sexual de um outro, como membro de uma família, de um estado”.

O que resulta fatalmente de uma civilização é que os seus membros ofereçam em holocausto os seus instintos primitivos, sacrificando a sua liberdade individual por um bem maior: o da comunidade. Para tanto, é necessário que o indivíduo abdique de si, como uma unidade, mas se reconheça pertencente a um grupo e que esse grupo seja mais importante. “Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais.” (Freud, 1996a, p.28).

Muito embora a civilização atenda e seja imprescindível ao coletivo, esta não deixa de ferir o indivíduo no seu uso do prazer. E, se por um lado o homem pode viver em sociedade, interagir com o seu par e sentir-se pertencente a um grupo que comunga de hábitos, ideias e costumes semelhantes, por outro, sente-se violado naquilo que lhe é individual e íntimo. Segundo Freud (1996):

Descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de suas ideias culturais, e concluiu-se então que se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isso significaria um retorno a possibilidades de felicidade. (FREUD, 1996a, p.45)

Na teoria Freudiana, para fundar a civilização fora necessário privar-se das satisfações pulsionais, rejeitando e reprimindo essas pulsões a todo o tempo. A sociedade passa por mudanças em aspectos que pareciam intrínsecos ao homem, modificando o sistema pulsional do ser humano e ocasionando uma supressão da libido, o que Freud chama de “tarefa econômica de nossas vidas.” (Freud, 1996a, p.103).

No intuito de proteger a civilização da experiência pulsional e libidinoso do indivíduo, cria-se os seus regulamentos e ordens, em que o pensamento coletivo ganha proporções maiores e mostra-se mais considerável do que o individual. E mais uma vez, evidencia-se a questão da possibilidade de haver uma conciliação entre as demandas do indivíduo e o processo de civilização propriamente dito.

A maldade existe. Os pensamentos ruins, cruéis, agressivos, os desejos libidinosos, impuros, as paixões são tão reais quanto a própria existência humana. Freud (1996) reflete sobre a capacidade do ser humano de controlar os seus instintos e a sua tendência à agressividade e questiona se essa agressividade, aliada à força e ao poder advindos do progresso tecnológico, não seria capaz de levar a humanidade à destruição.

Portanto, a hesitação posta em pauta anteriormente apresenta-se formalizada na seguinte pergunta: se os pensamentos são reconhecidamente maus, se esses precisam ser reprimidos para um convívio social e se é sabido que a literatura auxilia no processo de catarse, por que os contos proscritos chamados aqui de “Perigos Sociais” precisaram entrar para classificação?

Como vinha sendo explanado, a sociedade precisa estar forjada dentro de um modelo de controle, que em nada possa desviar o indivíduo do seu contrato social, que nada possa fomentar pensamentos discordantes, ilícitos, criando um palco de mentiras e ilusões.

O sentimento de culpa explica um pouco o esquecimento dos contos narrados aqui. Não se permite, na sociedade burguesa e religiosa, propagar tanta maldade e amargura a seres considerados tão puros e inocentes. Não se permite expor em palavras as maldades do mundo, mesmo que na vida real se reconheça e conviva-se com elas cotidianamente, justamente porque é muito difícil lidar com a realidade que toca a todos os humanos, indiscriminadamente: a própria humanidade e os seus impulsos.

Na tentativa de tentar lidar com suas próprias pulsões, os seus desejos libidinosos e agora criminosos e pecaminosos, o homem se reveste de uma armadura moral, uma integridade ilibada, que o coloca em uma posição de pureza frente à sociedade, muito embora tenha em seu íntimo, diversas vezes, o pecado lhe consumindo a carne e a culpa lhe esmagando o peito.

Quer seja como uma representação do tabu, ou como representação do mal-estar na civilização, a relação que é estabelecida com esse trabalho dos contos é perceber o quanto eles foram se moldando, perdendo o seu valor ou sendo esquecidos, não por não serem condizentes, por não fazerem sentido ou parte do que é humano, mas sim por serem enterrados vivos numa tentativa desesperadora de abafar, recalcar e negar sentimentos tão dolorosos e inerentes ao ser humano.

Na medida que se pretende proscriver tais sentimentos e pensamentos, parece coerente e óbvio que se proscruva toda forma de manifestação dos mesmos. Isso explica facilmente o desaparecimento de contos tão agressivos e que ferem tão profundamente os princípios da civilização.

Utiliza-se aqui o pensamento de Bettelheim (2016) sobre a necessidade dos pais e da sociedade de poupar os infantes do contato com a realidade obscura e com os sentimentos ruins, oferecendo riscos ainda maiores às mentes das crianças ao lhes deixarem sozinhas com suas lutas, na crença de que seriam impuras, imorais e indignas por nutrirem pensamentos exclusivos e maus.

Toda a existência do ser é movida por uma busca incessante de significado. O indivíduo necessita fazer parte de um grupo, ser aceito no meio em que vive, e sobretudo vislumbrar a esperança de renascimentos e de grandes encontros dentro de si e para fora, com os seus pares. O mover-se incessantemente em uma estrada de mão dupla, que absorve do outro e o ejeta de si mesmo para o mundo, é a realização plena dos seus feitos, que encontram eco na aceitação do outro.

Os contos de fadas são fundamentais para proporcionar essa significação e ressignificação na vida do sujeito, que através das suas histórias e das características das

personagens, sejam as mais essenciais e internas, sejam as mais evasivas e superficiais, encontram similaridades com o leitor, provocando muitas vezes uma fusão entre estes e propagando uma explosão de novos significados e resoluções para tantos mistérios e dúvidas.

Os contos de fadas assumiram nessa pesquisa o poder educador e transformador, com uma capacidade inexorável de conhecer, revelar e resgatar a identidade humana, uma vez que o sujeito é apresentado ao cotidiano em representações inéditas e extraordinárias, o que lhe transporta a grandes mistérios existenciais. Libertar as crianças dos seus maiores cárceres é, possivelmente, a soberana das muitas funções dos contos de fadas, e a sua leitura possibilita um conhecimento profundo de si mesmo, das suas dores, dos seus temores, construindo novas possibilidades de desfechos para as suas guerras e agruras. Tão poderoso quanto o é para as crianças, os adultos são também grandemente agraciados por sua leitura e suas análises.

Nesse contexto, observou-se nesta pesquisa que existem muitas histórias individuais e humanas escondidas por trás do silêncio dos contos de fadas proscritos. Esse estudo faz-se pertinente e de grande valor porque coloca em evidência não somente os contos esquecidos, mas aquilo que foi ignorado com eles, aquilo que foi relegado à marginalidade, destituído da dignidade humana muito embora não tenha deixado o ser humano e ainda faça imenso barulho dentro dele, ensurdecendo-o e emudecendo-o, tornando-o proscrito tanto quanto os contos.

Aquele conto que, como espelho, poderia fazer o homem ver refletida a sua dor e sentir-se representado e acolhido com relação aos seus sentimentos, agora o escurecera e este já não se pode mais se reconhecer ou saber-se humano. O indivíduo toma como seu, único e absolutamente seu, os maus pensamentos, os desejos proibidos, os sentimentos não validados, isolando-se na crença de que abriga um monstro dentro de si. Ao tratar os contos como inumanos e os seus conteúdos como vis, cruéis e aversivos à humanidade, condena-se também aqueles que sentem e que vivem situações como essas, porque os descaracteriza como humanos, proscurendo-os.

Nesse estudo, verificou-se que o mal-estar causado aos pais e à sociedade em lidar com questões que também são suas, mas que a vida adulta lhe obrigara a recalcar, fazia retornar os sentimentos que outrora lhe machucavam. As questões das crianças de hoje são as mesmas das crianças feridas no passado. E a maneira de lidar com essas questões também permanecem a mesma: o silêncio.

Para validar e honrar aqueles que sofrem com o silenciamento das suas vozes, aqueles que têm suas subjetividades invadidas e rasgadas, mas que são obrigados a guardar e proscrever os seus sentimentos dentro de si, este trabalho sugere uma discussão ampliada sobre o retorno e readaptações daqueles contos que foram banidos. Essa pesquisa permite um olhar sobre os contos de fadas numa perspectiva da subjetividade humana, já que se pôde constatar neste estudo que os mesmos têm valor representativo da realidade e se relacionam com demandas do próprio homem.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny (org). *O Mito da Infância Feliz*. São Paulo: Summus, 1983.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 32.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- CALVINO. Ítalo. *Por que ler os clássicos*. SP: Companhia das Letras, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: Graal, 2011.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1956.
- Freud, S. (1996a). *O mal-Estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).
- _____. (1996b). *Totem e tabu e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- _____. (1924). Neurose e Psicose. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. III.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PAGOTTO-EUZEPIO, Marcos Sidnei. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Editora Laços – Selo Képos, 2014.
- PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- PROSCRIÇÃO. *Dicionário online Priberam*. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/proscricao>>. Acesso em 15 out. 2018.
- PROSCRITO. *Dicionário online Priberam*. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/proscrito>>. Acesso em 15 out. 2018.

Recebido em: 28/02/2020
Aprovado em: 05/06/2020
Publicado em: 01/08/2020